

Quando a esperança bate à porta: reflexões sobre o ensino para o cuidado em saúde

Cristiane *Batista Andrade*

Departamento de Estudos de Violência e Saúde Jorge Careli (CLAVES), Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, Ministério da Saúde (Rio de Janeiro, RJ, Brasil)

Correspondencia: cristiane.andrade@fiocruz.br

Resumo

Objetivo principal: Apresentar, em forma de diário de campo, reflexões sobre a experiência docente no ensino para o cuidado em saúde no Brasil, com o enfoque da pedagogia de Paulo Freire. Metodologia: Por meio de narrativa docente, associada com a reflexões da pedagogia da autonomia em Paulo Freire, o artigo aponta os desafios e as descobertas no ensino do cuidado em saúde. Resultados principais: A relação entre a docente e os/as estudantes proporcionou aprendizagens que envolvem as descobertas para a necessidade de mudanças e/ou aprimoramento teórico, sob o ponto de vista da decolonialidade. Conclusão principal: Através do ato educativo, professores/as e estudantes podem desenvolver saberes para uma prática docente reflexiva.

Palabras clave: Educação. Ensino. Decolonialidade. Saúde. Violência.

Cuando la esperanza llama a la puerta: reflexiones sobre la enseñanza para la atención de la salud

Resumen

Objetivo principal: Presentar, en forma de diario de campo, reflexiones sobre la experiencia docente en la docencia para la salud en Brasil, con enfoque en la pedagogía de Paulo Freire. Metodología: Presentar, en forma de diario de campo, reflexiones sobre la experiencia en la docencia para la salud en Brasil, con enfoque en la pedagogía de Paulo Freire. Resultados principales: La relación entre el docente y los alumnos proporcionó aprendizajes que implican descubrimientos para la necesidad de cambios y / o perfeccionamiento teórico, desde el punto de vista de la decolonialidad. Conclusión principal: A través del acto educativo, docentes y alumnos pueden desarrollar conocimientos para una práctica docente reflexiva.

Palabras clave: Educación. Enseñanza. Decolonialidad. Salud. Violencia.

When hope knocks on the door: reflections on teaching for health care

Abstract

Objective: Presenting, in the form of a field diary, reflections on the teaching experience in teaching for health care in Brazil, with a focus on Paulo Freire's pedagogy. Methods: Through a teaching narrative, associated with reflections on the autonomy pedagogy in Paulo Freire, the article points out the challenges and discoveries in the teaching of health care. Results: The relationship between the teacher and the students provided learning that involves discoveries for the need for changes and / or theoretical improvement, from the point of view of decoloniality. Conclusions: Through the educational act, teachers and students can develop knowledge for a reflective teaching practice.

Key-words: Education. Teaching. Decoloniality. Health. Violence.

Eu sou aquela mulher a quem o tempo muito ensinou.

*Ensinou a amar a vida
e não desistir da luta,
recomeçar na derrota,
renunciar a palavras
e pensamentos negativos.
Acreditar nos valores humanos
e ser otimista.
(Cora Coralina)*

As palavras de Cora Coralina representam as motivações da escrita desse diário de campo docente, pois, como diz a poetisa, a luta, a crença em um mundo melhor e, sobretudo, na humanidade no seu sentido mais amplo, são potencialidades também para a escolha da docência. Oportunizar o diálogo sobre o processo de ensino e aprendizagem e compartilhar as ações educativas que têm sido vividas em um cenário de dificuldades e de resistências podem contribuir para a manutenção do oti-

mismo e para a crença dos valores humanos trazidos por Cora. Além disso, a poetisa coloca que as trajetórias de mulheres permitem que o tempo seja o nosso professor e, que de certa forma, aprendemos a recomeçar e trilhar os caminhos que nos desafiam.

Este diário de campo tem como finalidade apresentar os relatos de minha vivência em um curso de pós-graduação em Saúde Pública no Brasil, realizado no período de dezembro de 2020 a fevereiro de 2021, com temas sobre o trabalho contemporâneo, sobretudo o de cuidado em saúde e as violências que os permeiam. Trazer reflexões sobre essa experiência, em um momento pandêmico, em que os abraços e a proximidade dos corpos são deixados à deriva pelo distanciamento social, é também refletir sobre as inúmeras possibilidades que encontramos para fazer o ato educativo, este que é entendido como uma relação social e que nos exige uma responsabilidade ética, como diz Paulo Freire.¹ Ressalto, ainda, que esse diário foi lido para meus estudantes no último dia de aula, momento esse vivido com emoção e certeza de que o ensino para o cuidado vale a pena!

Refletir sobre essa experiência, sob meu ponto de vista, é pensar nos motivos que me trouxeram até aqui. Nasci e vivi em uma cidade pequena no interior de São Paulo, lugar que chamo carinhosamente de “roça”. E, como diz Isabel dos Santos,² uma enfermeira brasileira que lutou durante toda a sua vida pelo direito de a enfermagem ter acesso ao conhecimento, “Eu saí da roça, mas a roça não saiu de mim...”. E posso explicar o porquê.

Ao ser perguntada sobre as minhas brincadeiras de infância, não tenho dúvidas de que, nas minhas memórias, o desejo de ser professora e “brincar de escolinha” sempre estiveram presentes. Nos quartos do fundo da casa onde morei a vida toda, lá estava eu com meu irmão perto da lousa, com giz, papéis e caneta vermelha, fazendo nos tomarmos professores. É com alegria que rememoro a minha infância e o desejo de ensinar.

A vida calma e o tédio de uma cidade do interior (que, naquela época, possuía poucos semáforos) foram perdendo espaço para as brincadeiras infantis de ser professora e para o acesso às duas bibliotecas que existiam na cidade. A primeira era na própria escola em que estudei minha vida toda; a outra era a municipal, na qual passava boa parte do tempo de minha infância. Há um tempo, retornei a esse lugar e é incrível como a bibliotecária de lá parece não ter envelhecido, e esse lugar, sob o meu ponto de vista, seria como sua casa, pois está lá até hoje.

Dessa forma, por meio dos livros, eu conhecia um mundo que não cabia ali naquela cidade do interior e rompia fronteiras. Conhecer este mundo, escrito por outras pessoas, revelava o quanto eu precisava sair daquele lugar para vivenciar outras coisas e, talvez, outra vida. Lembro-me com muita alegria, ao finalizar o ensino fundamental (antiga 8ª. série), de que fui à secretaria da escola e matriculei-me no curso de magistério. Que felicidade! A alegria era tanta, que cheguei com muita empolgação em casa, pois estava diante da realização de um sonho. No entanto, tomei um “banho de água fria” da minha mãe, ao me dizer: “Você não tem jeito com crianças e, além do mais, professora ganha uma miséria”.

Muito influenciada por ela, voltei à secretaria escolar e alterei a minha matrícula para o curso de ensino médio (antigo 2º. Grau). Talvez, esse infortúnio possa ser avaliado pela psicaná-

lise como um evento determinante na vida de uma pessoa, cujo desejo pulsante era apenas se tornar professora. Mas é possível dizer que é pelo desejo que nos movemos e tomamos-nos seres humanos.

Ao final do ensino médio, decidi seguir a carreira de enfermagem, pois a área da saúde parecia-me atrativa, já que a paixão pelo cuidado pulsava. Segui minha formação profissional em um *locus* essencialmente feminino, em que as contradições de gênero, classe social e raça estão postas.

Foi em uma universidade pública que iniciei a graduação e lá permaneci até o meu pós-doutorado sobre o trabalho e formação de professores/as e técnicos/as de enfermagem. Confesso que, no decorrer da graduação, em muitas situações, fiquei incomodada com a formação em saúde. As vivências em hospitais e clínicas de saúde, por vezes, mostravam uma formação mecânica, técnica, fria e com aspectos de um conhecimento vinculado aos saberes médicos e hegemônicos. Essas inquietações estão em mim até hoje e acredito que nunca me deixarão. No entanto, estes sentimentos impulsionaram a minha decisão por fazer licenciatura em Enfermagem. Ah, e como frequentar a Faculdade de Educação da Universidade foi maravilhoso! As pessoas, a alegria, os risos, o aconchego, os livros. Ah, a biblioteca de lá... Que saudades eu sinto daquele lugar, tanto que até hoje recordo-me do cheiro dos livros.

Foi nesse período que encontrei a minha professora de licenciatura, uma enfermeira “às avessas” que tinha na educação, assim como eu, sua alegria no trabalho. E, para além disso, galgava a formação humana como princípio educativo, como expressa Paulo Freire¹. Infelizmente, hoje ela ecoa entre nós apenas por seus ensinamentos. E foi por meio dela que conheci as contribuições da pedagogia freiriana, da autonomia e da liberdade. Li muito sobre os ensinamentos de Paulo Freire, desde a Pedagogia da autonomia (inclusive, na cerimônia de nossa formatura, essa professora nos apresentou com esse livro), até as cartas dele sobre as experiências na África.

Posso assegurar, com toda certeza, que esses momentos foram os melhores na minha formação para ser professora. Concomitantemente, já no primeiro ano de graduação, aproximei-me da área da saúde pública e, junto com a minha mestra de iniciação científica, descobri uma outra paixão: a pesquisa. E assim foram os meus anos na Universidade: abraçando cada vez mais as ciências humanas e tomando como base os estudos da temática do trabalho de cuidado e das relações de gênero, que me seguem até hoje.

Essa breve introdução, ou seja, toda essa “contação de histórias”, é para expressar o meu contentamento em conhecer cada estudante, através deste relato de experiência docente. Uma alegria de saber que, em dias sombrios, sobretudo no período pandêmico no Brasil, eu possa contar, ouvir, compartilhar, ensinar e, acreditem, aprender... Aprender a ouvir não apenas a história pessoal de cada um/a, mas as histórias que os trouxeram para esse encontro.

Nunca, em uma experiência de dar aulas ou “esperançar” por meio da prática educativa, eu me lembrei tanto das contribuições de Paulo Freire, pois ensinar exige respeito. Respeito aos saberes dos outros. Exige de nós o diálogo, a sapiência e a coragem... Exige apreensão da realidade, a esperança e a alegria de viver!¹ Meu contentamento na convivência com as/os estudantes foi imenso. Intenso porque cada um/a trouxe suas inquietações e incômodos, ou seja, as preocupações humanas. Essas que, enquanto profissionais de saúde, talvez estejam

intensificadas, diante dos desafios colocados pela pandemia da Covid-19 e suas atribulações no contexto brasileiro.

Saliento que, quando iniciei a primeira versão da disciplina, ela começou pequena, com seis estudantes e sete encontros de três horas. Na sua segunda versão, cresceu um pouco mais, com a presença de sete estudantes em oito encontros. Mas, para a minha surpresa, em um momento de pandemia, a disciplina teve 25 inscritos e dez encontros, sendo realizada por meio de uma plataforma *on line*. Todos os encontros foram preparados e pensados meticulosamente para aproveitar as duas horas disponíveis para uma aproximação, mesmo que virtual. Enganam-se as pessoas que pensam que o desafio seria tecnológico. Esse recurso, aliás, foi o caminho encontrado para nos aproximar.

E, por falar em desafios, eles não nos faltaram: pandemia, vacina, desemprego, o caos de quem vive a pandemia. Mas, de qualquer forma, tudo isso parecia estar bem longe de mim que, ao entrar em contato com os/as estudantes, foi sendo esquecido, mesmo que por duas horas apenas, tudo o que “esse caos” havia trazido. Nessas horas, o desejo de estar em contato fazia com que eu me esquecesse do “mundo lá fora”.

Então, expresso minhas aprendizagens no convívio, mesmo que virtual, com os 25 estudantes que estiveram comigo para dizer o quanto aprendi com cada um/a deles/as. Estiveram presentes profissionais de vários locais do país: Manaus, Minas Gerais, Rio de Janeiro, Curitiba; inclusive, um estudante de Moçambique. E, assim, o ânimo florescia no grupo de *whatsapp*, criado para nos aproximar e compartilhar materiais sobre o tema abordado (trabalho de cuidado, violências e saúde) e pelo *chat* na plataforma virtual. Foi uma aproximação positiva e permeada pelas indicações coletivas de músicas, filmes, séries, livros, reflexões! Sim! Encontramos prazer onde nem imaginávamos! Rememoramos a música da cantora Elza Soares! E, a cada encontro, o *chat* era uma forma de aproximação e muitas reflexões. Quando estava falando, perdia-me no desejo de estar lendo cada comentário, de estar mais próxima.

Mas, para além disso, eu fui aprendendo com a turma que as minhas inquietações, enquanto professora e pesquisadora, estavam muito próximas dos/as estudantes. Debates de quanto o trabalho nos oprime e explora, acredito que façam parte dessa premissa. Não posso esquecer de dizer do valor daquelas que são mães e que estavam com as suas crianças na pandemia, nas aulas *on line*, no fogão, na leitura, no texto e ali conosco. Em algumas situações, as crianças apareciam no áudio ou na tela, enquanto essas estudantes estavam conosco. E, quando elas se aproximavam do nosso convívio, eu fazia questão de dizer que, enquanto mulheres, o nosso trabalho vai além das atividades laborais, pois ainda temos a casa e a família para o cuidado. Essa vivência fez reconhecer-me em cada uma daquelas que são mães. Então, se tenho algo a dizer é que vale a pena. Por incrível que pareça, vale a pena. As crianças aprendem conosco a serem feministas, antirracistas e antifascistas!

Como um dos enfoques da disciplina foram o trabalho de cuidado e as relações de gênero, também reiterei que homens podem e devem cuidar. Aliás, homens devem estudar o cuidado e deles participar, independente da formação profissional. Que felicidade ver dois pesquisadores ouvindo e nos ensinando, sob a perspectiva deles, o que é o cuidado. Há a necessidade de se compreendê-lo como uma relação social que precisa

ser dividida com as mulheres, pois, caso contrário, vira opressão, como aborda Federici.³

Em outro momento, recorde-me que uma estudante ressaltou a necessidade do cuidado de si, sobretudo no momento pandêmico, pois as vivências das inúmeras violências no cotidiano de trabalho de profissionais de saúde no Brasil têm sido relatadas e experienciadas das mais diversas formas, inclusive com a morte e o adoecimento de si e de colegas. Portanto, reiteramos a necessidade de reflexões e ações coletivas para esse enfrentamento, reconhecendo que as precárias condições de trabalho são uma das expressões de violência contra aqueles/as que fazem o cuidado em saúde. E estar próxima desses/as estudantes permitiu ganhar fôlego para pensarmos coletivamente sobre esse tema. Dividir esse espaço foi gratificante.

Além disso, trago uma questão que gostaria de ressaltar: “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”¹. Quem nos diz isso é Paulo Freire. E, então, o interrogatório: “Paulo, o que fazer quando nós, professoras, repensamos a nossa formação enquanto docentes? E quando nós, professoras, recomeçamos caminhos?”. E, no meu diálogo mental com esse autor, ele me responde: “Gosto de ser gente, porque a História em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades e não de determinismo”¹ (p. 28).

E é a isso que gostaria de dar ênfase, ou seja, na peculiaridade que essa turma proporcionou para o meu fazer docente. Sim, ela proporcionou o repensar da minha formação e meu lugar no mundo. Posso explicar melhor.

Ao abordar a categoria do trabalho e das relações de gênero, algumas estudantes indagavam sobre a necessidade do aprofundamento das discussões sobre a racialização do trabalho de cuidado. Ou seja, entender as trajetórias profissionais e de formação da população negra, enquanto um povo explorado e violentado pelo sistema capitalista, fez-me perceber a necessidade, cada vez mais urgente, de trazer essa perspectiva para o debate, esta que foi recomendada por uma aluna, à luz de Ramón Grosfoguel.⁴ Este autor, por meio de uma análise crítica das construções dos saberes ocidentais e do apagamento dos conhecimentos dos povos originários e africanos que (re)construíram a América Latina, tornou-se um debate necessário e profícuo na turma.

E, assim, concluo que, enquanto docentes, por vezes, nos enganamos pensando que ensinamos, quando, na verdade, aprendemos e muito! Só é preciso estar aberto/a para o processo educativo dialógico, reflexivo e construído coletivamente, como expõe Paulo Freire: “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”¹ (p. 13).

Sim, essa turma me fez repensar as amarras de toda a minha trajetória de formação enquanto professora e pesquisadora. E apagar a nossa história, enquanto latino-americanos/as, seria como nos apagarmos cotidianamente e não nos reconhecermos no processo de desenvolvimento humano. Estamos em (re)construção e podemos, de agora em diante, traçar outros caminhos, com olhares diversos. É importante pensarmos na nossa história e no seu apagamento, mas com o desejo de mudança, da vontade de proporcionar espaços de aprendizagem para aqueles e aquelas que têm muito a dizer, sobretudo as minorias. E cabe a nós, professoras/es, ajudá-los/as nesse mundo em (re)construção que vem vindo. E, nesse sentido, posso afirmar que esse caminho é sem volta.

Por isso, a minha satisfação pelas inúmeras aprendizagens no espaço virtual e que, com certeza, influenciaram no meu modo de fazer o ato educativo, pois a perspectiva histórica, social e decolonial da nossa formação humana, enquanto latinoamericanos/as, é o meu caminho de agora em diante. E de quem mais vier.

Assim, finalizo com a reflexão de Grada Kilomba: “Todo o processo alcança um estado de descolonização; isto é, interna-

mente, não se existe mais como o/a outro/a, mas como eu. Somos eu, somos sujeito, somos quem descreve, somos quem narra, somos autores/as e autoridade da nossa própria realidade [...] “O que é nosso não será tomado pela chuva”. (Provérbio de São Tomé e Príncipe)⁵ (p. 238).

Em memória de Maria Helena Bagnato (Sempre!)

Bibliografia

1. Freire P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo (SP): Paz e Terra; 2006.
2. PAHO TV. *Trabalho e Formação em Saúde: a trajetória de Izabel dos Santos* [Internet]. 2010. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=OUgK4NK8zGk> [acesso: 1/5/2021].
3. Federici S. *O ponto zero da revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. 1º ed. São Paulo: Elefante; 2019.
4. Grosfoguel R. A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI. *Soc estado*. 2016;31(1):25-49.
5. Kilomba G. *Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano*. Rio de Janeiro: Cobogó; 2019.